

A COMUNICAÇÃO NA TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO: INTERAÇÃO PROFESSOR E ALUNO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR

Inaê Lara Ribeiro de Paula¹⁶
Onésimo Francisco de Paula Neto¹⁷
Prof^o Me. Wilian Cândido¹⁸
Prof^aMa. Marisa Roveda¹⁹

RESUMO

O objetivo desse artigo é ressaltar a comunicação como agente fundamental para a transmissão do conhecimento através de uma pesquisa bibliográfica, aplicação e análise de questionários para docentes e discentes do ensino superior de uma instituição privada da cidade de Anápolis, Goiás. Há quem acredita que basta a fala para se fazer entendido, porém, nem sempre as palavras são capazes de expressar o que se pretende dizer. No campo educacional, que é interacional, uma boa comunicação se faz necessária. Na tentativa de responder o problema: na relação professor – aluno, como desenvolver uma comunicação eficaz? No primeiro tópico este artigo tratou do papel da comunicação no sentido de ensinar e aprender; em seguida, abordou recursos facilitadores da comunicação em sala de aula; também ressaltou a questão da autoridade do docente, e discutiu os desafios da coesão comunicativa na realidade do ensino superior com a apresentação e avaliação dos dados da pesquisa de campo. Tanto na pesquisa bibliográfica como no estudo de campo foi notório o relevante papel da comunicação dentro da sala de aula, uma vez que professores e alunos, frente aos questionários apresentados, sobretudo no seu âmbito qualitativo, ofereceram várias considerações para melhoria do aspecto comunicacional na relação em sala de aula, ressaltando, assim, a sua relevância. Mediante o conteúdo da pesquisa, pôde-se compreender que o comunicar é mais do que somente falar, mas “o como falar”. Este “como”, no que se refere ao ato comunicacional na relação professor e aluno, talvez seja a grande questão a se pensar.

Palavras-chave: Relação professor – aluno. Interação. Comunicação. Ensino. Aprendizagem.

¹⁶Graduada em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo (2013), Graduada em Fotografia (2012), Trabalha com comunicação em rádio e Assessoria de Imprensa. inaelarp@gmail.com

¹⁷Graduado em Filosofia (2008), Graduado em Teologia (2013), Trabalha com comunicação em rádio e gerenciamento de mídias sociais. onesimoneto@hotmail.com

¹⁸ Professor Orientador, Graduado em Pedagogia (2006), Especialista em Docência Universitária (2007), Mestre em Ensino na Educação Básica CEPAE/UFG (2015). wiliancandido01@gmail.com

¹⁹ Professora Orientadora, Graduada em Filosofia (2000); Graduada em Administração (2013), Especialista em Ensino de Filosofia; Especialista em Gestão de Pessoas, Especialista em Movimentos Sociais no Mundo Contemporâneo, Especialista em Filosofia Clínica e Mestre em Sociedade Tecnologia e Meio Ambiente. E-mail: marisaroveda@catolicadeanapolis.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe conteúdos para discussões e reflexões acerca da comunicação como agente fundamental para a transmissão do conhecimento. Quer tocar a dimensão interativa da relação de Professor e Aluno, no que se refere a uma boa e eficaz comunicação em sala de aula, bem como salientar diversas nuances que podem interferir no processo comunicacional e, por sua vez, na aprendizagem.

Se a comunicação perpassa as relações, pode haver transmissão de conhecimento mediante uma comunicação falha? Na relação entre professor e aluno, uma comunicação eficaz depende unicamente do professor? O que compete ao aluno em estabelecer uma comunicação satisfatória? Questões como estas nortearam a pesquisa no intuito de salientar as deficiências da comunicação nesta relação e indicar algumas pistas na tentativa de responder a tais problemas.

Através da pesquisa científica bibliográfica, qualitativa e descritiva, unida à pesquisa de campo com aplicação de questionário buscou-se estabelecer conteúdos que possam servir de resposta aos desafios que a comunicação em sala de aula evoca, sobretudo, analisando a relação professor – aluno no âmbito do ensino superior.

O texto foi dividido em tópicos ligados entre si. Esta metodologia contribuiu para a compreensão processual do tema em desenvolvimento. No primeiro tópico tratou-se do importante papel da comunicação no sentido de ensinar e aprender; em seguida, no tópico segundo, abordam-se alguns recursos facilitadores da comunicação na relação professor e aluno, em sala de aula; o terceiro tópico traz à tona a questão da autoridade ou a sua falta, buscando uma definição mais clara do que vem a ser autoridade, sempre em vista do processo de aprendizagem em sala de aula; já o quarto tópico trata dos desafios da coesão comunicativa na realidade do ensino superior, com a apresentação e avaliação dos dados da pesquisa de campo.

Ao investigar e analisar o tema proposto pôde-se chegar a algumas respostas que contribuem na orientação dos docentes e discentes, na melhoria das aulas e na transmissão do conhecimento. No entanto, é importante uma constante reflexão acerca do tema pois a comunicação é um dado primordial nesta relação sem a qual faz-se acreditar não haver aprendizado.

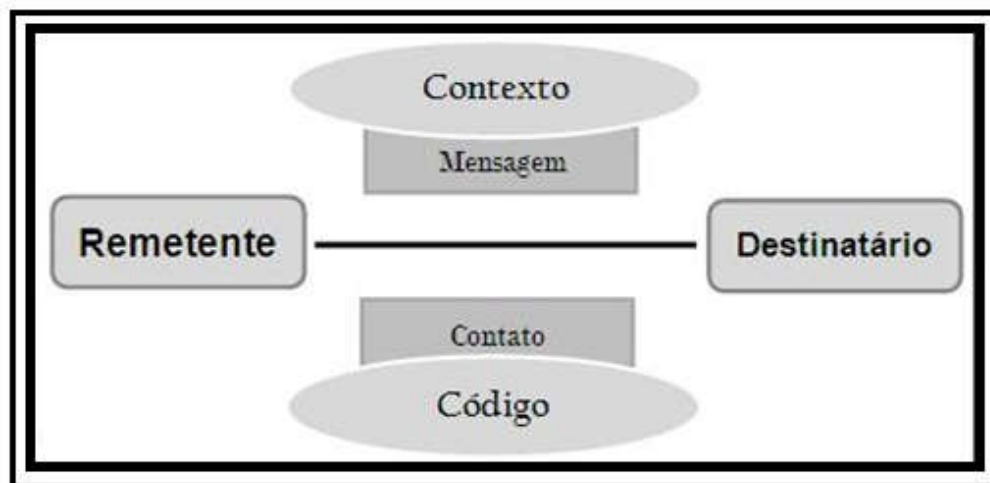
2. A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO NO SENTIDO DE ENSINAR E APRENDER

No âmbito educacional, que é por consequência relacional, a interação professor – aluno é imprescindível para que ocorra o sucesso no processo de ensinar e aprender. A comunicação entre eles chega a ser uma condição do processo de aprendizagem e precisa ser efetiva para que a troca de saberes aconteça a contento.

A comunicação em si já é complexa e, nesse quesito, encontram-se também vários desafios já que para que ela exista devem-se constar algumas particularidades como, por exemplo, a Linguagem verbal e/ou não verbal; a Mensagem; a Interação e a Transmissão. Com isso podem acontecer alguns impasses que dificultem que esse mecanismo aconteça de forma eficaz.

Outro ponto importante é que para haver comunicação deve-se existir um esquema de comunicação. Compõem esse processo três elementos básicos: Emissor/Fonte, Canal e Receptor/Destinatário. Entretanto, observam-se no esquema mais fatores que agregam essa situação. Tais fatores podem ser mais bem compreendidos ao analisar o esquema de comunicação elaborado por Roman Jakobson (2005, p. 123).

Figura 1 – Esquema de Comunicação



Fonte: Inaê Lara R. de Paula (2016) baseado em Jakobson (2005, p. 123).

A mensagem para ser passada de forma clara pelo remetente precisa respeitar determinadas regras e conter os indicativos apontados no quadro acima, visto que não é apenas o fato de se pretender dizer algo que ele será completamente dito e, por consequência, compreendido.

O REMETENTE envia uma MENSAGEM, ao DESTINATÁRIO. Para ser eficaz a mensagem requer um CONTEXTO a que se refere [...], apreensível pelo destinatário, e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um CÓDIGO total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário [...]; e, finalmente, um CONTACTO, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário que os capacite a ambos a entrarem e a permanecerem em comunicação.(JAKOBSON, 2005, p. 123).

Portanto, nessa figura é possível observar que a mensagem é o grande elo que liga a comunicação, entretanto, sua importância se faz crucial quando contextualizada nesse processo uma vez que não existe comunicação eficaz sem alguns desses elementos apresentados.

Com esse viés também é preciso reforçar os empecilhos de uma comunicação, conhecidos como ruídos. A comunicação na relação professor – aluno pode se mostrar complexa, já que é um ambiente de convívio bem misto. Uma sala de aula possui várias particularidades. São culturas, costumes, classes sociais, educações, pensamentos, valores, limites físicos e psicológicos, formas de se expressar e compreender que são diferentes e particulares.

Ao analisar essa relação, pode-se perceber que se têm dois momentos distintos de interação na relação professor – aluno: a transmissão de conhecimento e a relação pessoal. Não existe apenas o convívio para a troca de saberes, mas também se tem uma linha delicada de convivência e interação que acaba gerando afeto, ou até mesmo o desafeto. “As virtudes e valores do professor que consegue estabelecer laços afetivos com seus alunos repetem-se e intrincam-se na forma como ele trata o conteúdo e nas habilidades de ensino que desenvolve” (LOPES, 1991, p. 146).

Nesta questão é importante buscar pela relação baseada na afetividade que traga respeito, confiança e admiração, pois colaboram significativamente para a comunicação e a aprendizagem. Não focar apenas na transmissão do conteúdo, mas também nessa relação pessoal, enriquece bastante o indivíduo. Pode, inclusive, potencializar suas estruturas reflexivas, morais e críticas.

O ato pedagógico pode ser, então definido como uma atividade sistemática de interação entre seres sociais tanto no nível do intrapessoal como no nível de influência do meio, interação esta que se configura numa ação exercida sobre os sujeitos ou grupos de sujeitos visando provocar neles mudanças tão eficazes que os tornem elementos ativos desta própria ação exercida. Presume-se, aí, a interligação de três elementos: um agente (alguém, um grupo etc.), uma mensagem transmitida (conteúdos, métodos, habilidades) e um educando(aluno, grupo de alunos, uma geração) [...].(LIBÂNEO,1994, p.56).

A troca de conhecimento é o que tange essa relação, o que faz, inicialmente, ela existir. Mas, a troca de conhecimento agregada à troca de vivências é significativamente enriquecedora e traz elementos substanciais para o fim dessa relação, que é a aprendizagem.

Paulo Freire (1988), em suas avaliações, ainda pontua a importância da valorização do diálogo, sendo este um significativo instrumento para a constituição dos sujeitos.

[...], o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1988, p.79).

Com isso ele deixa claro que, com a compreensão do professor para com a importância do diálogo no seu ambiente de ensino, ele passa a ter mais conquistas com seus educandos. Existe mais troca, mais curiosidade e o tão esperado querer. O interesse do aluno é firmado e só existem ganhos para isso.

Silva (1996) ainda reforça que com a comunicação existe a troca entre as pessoas, um processo recíproco que provoca a curto ou longo prazo mudanças na forma de sentir, pensar e atuar dos envolvidos. E isso é de fundamental importância quando se fala em educação, pois fica evidente que não é possível obter êxitos sem uma comunicação bem feita, os ruídos são capazes de promover uma deturpação do que pretende ser ensinado e aprendido.

Está aí a importância da comunicação no que diz respeito ao ensino e aprendizagem. Aplicada de forma correta, essas trocas e construções ficam garantidas. O professor deixa de ser para o aluno apenas um transmissor e passa a ser um mediador. Todo o processo do esquema de comunicação de Roman Jakobson passa a acontecer e fazer valer essa interação.

3. O RECURSO DA COMUNICAÇÃO ENTRE PROFESSOR – ALUNO

A comunicação exige um processo de reciprocidade, ou seja, devida interação entre emissor e receptor. Neste sentido, não basta o professor apresentar conteúdos no intuito de favorecer a aprendizagem, nem tão somente o escutar do aluno para aprender. A comunicação eficaz acontece na interação. Todavia, há diversos recursos que podem potencializar tal interação, favorecendo o ensino e a aprendizagem.

Para uma boa comunicação, antes de tudo, é preciso saber a quem se comunica. Aqui se ressalta o papel do professor, pois ele será de antemão o iniciador da relação comunicacional com seus alunos. Cientes de se estar diante de jovens adultos, no ambiente acadêmico, é importantíssimo que se entenda que esta relação exige didática diferenciada das demais formas de ensino, a saber, ensino fundamental e médio. Malcom Knowles (1980) fala do termo Andragogia que se refere ao processo de aprendizagem de pessoas adultas.

Para Gil (2007), a andragogia se fundamenta em alguns princípios como o Conceito de aprendente, ou seja, o aluno é aquele que aprende, portanto significa ser o responsável por sua aprendizagem, estabelecendo e delimitando seu percurso educacional; a Necessidade do conhecimento é, em suma, a consciência que os adultos têm sobre a importância e a necessidade que se tem de conhecimento. Sentem-se responsáveis pelo seu processo de aprendizagem; a Motivação para aprender, considera as motivações externas como, por exemplo, melhores salários, porém valorizam particularmente as internas, relacionadas com a vontade, realização pessoal, autoestima, dentre outros; o papel da experiência que considera as experiências diversas acumuladas durante toda a vida, social e escolar; por fim, a Prontidão para o aprendizado, supondo que o aluno adulto está pronto para aprender porque decidiu aprender.

Outro elemento para a comunicação, como já fora dito, é a afetividade. Ela é um elemento imprescindível para uma boa comunicação, uma vez que a comunicação se dá num ambiente interacional, ou seja, nas relações interpessoais. Portanto, para que esta relação seja produtiva, no contexto de ensino e aprendizagem, vale ressaltar aqui a importância de se desenvolver a empatia. Pode-se entender empatia como capacidade de sentir aquilo que outro pode vivenciar. É notório que quando se estabelece uma relação empática, naturalmente se desperta maior interesse pelo conteúdo a ser apresentado.

As situações de ensino agradáveis suscitam no aluno um desejo de repetir e renovar a aprendizagem. Quando, por infelicidade, o contrário acontece, o aluno tende a rejeitar não só a disciplina que não consegue aprender, mas também tudo quanto a ela se refira, inclusive o mestre e até a própria escola. Se a situação de aprendizagem é gratificante e agradável, o aprendiz tende a se dinamizar, a extrapolar-se para situações novas e similares e, por fim, a inspirar novas aprendizagens (RODRIGUES, 1976, p.179).

Uma forma de potencializar esta comunicação no âmbito educacional é estar atento aos cenários em que os alunos estão inseridos. A partir daí o docente desenvolve uma linguagem que atenda às necessidades e debilidades de seus interlocutores, ao mesmo tempo em que reconhece os diferentes níveis dos alunos presentes. Por isso, é importante considerar a leitura destes cenários uma vez que no ambiente de ensino superior se encontram pessoas que estão bem preparadas pedagogicamente, e outras nem tanto. “A sala de aula é um espaço de vivência, de convivência e de relações pedagógicas, espaço constituído pela diversidade e heterogeneidade de idéias, valores e crenças” (VALDEZ, 2002, p.24).

A utilização da tecnologia e mídias audiovisuais pode facilitar a comunicação em sala de aula pois os avanços tecnológicos favorecem diversas ferramentas que colaboram com este fim. Para Gil (2007) aulas em que prevalece exclusivamente a exposição verbal, mostram-se pouco eficientes em prender a atenção dos estudantes. No entanto, afirma que:

Dentre os fatores que concorrem para a retenção [do saber], os mais importantes são os de interesse do estudante, a concretude da

experiência, a organização do conteúdo e sua repetição. Assim, os recursos tecnológicos tornam-se muito úteis para proporcionar uma aprendizagem mais permanente. [...] Os recursos tecnológicos favorecem apresentações bem organizadas. [...] Os recursos tecnológicos favorecem a retenção à medida que possibilitam a frequente repetição sem monotonia. O que é dito oralmente pode ser lembrado com a apresentação de um cartaz ou com uma projeção de uma transparência, por exemplo. (GIL, 2007, p.222).

É urgente a necessidade de os docentes aprenderem manusear tais ferramentas, cientes que os discentes já estão imersos na chamada cultura tecnológica. Essas ferramentas ajudam a assimilação do que foi apresentado através de representações que reforçam o conteúdo dado.

Outro fator importante para a comunicação é de despertar no seu interlocutor a curiosidade. Conforme TIBA,

Ao perceber que não sabe, o ser humano tem a tendência natural de buscar meios de aprender, já que é dotado de inteligência e, em consequência, de curiosidade. Associando estes dois atributos, pode surgir a criatividade, que fornece a base para as grandes invenções da humanidade. O espírito aventureiro instiga às descobertas. (TIBA, 1998, p.46).

Dessa forma o professor pode criar situações de comunicação entre os alunos com um propósito educativo, buscando meios e caminhos, de acordo com o que a situação e a classe propõem; intervindo pouco, muito ou nada, o professor coloca os alunos como sujeitos de sua própria reflexão, utilizando-se dessa maneira da própria curiosidade natural para fomentar a aprendizagem.

Apresentados alguns recursos, não se pode deixar de lado a exposição oral, normalmente mais usada em sala de aula. Utilizando o mesmo esquema de comunicação citado na figura 1, (emissor – codificador – mensagem – canal – decodificador – receptor, que por sua vez remete um *feedback* ao emissor), podemos exemplificar:

O professor é o **emissor**, que tem um objetivo: fazer com que os estudantes entendam a matéria. Para tanto, precisa criar uma **mensagem**. Então seu sistema nervoso central ordena seu mecanismo

vocal para exprimir o objetivo. Seu mecanismo vocal, que atua como **codificador**, produz a mensagem, que, por sua vez, é transmitida por ondas sonoras pelo ar, para que os alunos a recebam. Estas ondas sonoras constituem o **canal**. Os alunos são os **receptores**. Seus mecanismos auditivos são os **decodificadores**, que decodificam a mensagem em impulsos nervosos e remetem-na ao sistema nervoso central, produzindo o entendimento da mensagem. A eficácia da mensagem, por fim, pode ser verificada por meio de **feedback**, que consiste numa mensagem fornecida pelo receptor ao emissor, indicando o entendimento da mensagem. A comunicação é um processo de inter-relação entre as pessoas e sua eficácia tem a ver não apenas com as habilidades da transmissão mas, também, com as características da mensagem, com o canal em que esta é vinculada, com a disposição de receptor e com o oferecimento de *feedback*. (GIL, 2007, p.136).

No entanto, é preciso atentar para a importância de cada passo no processo de comunicação para tornar eficaz a transmissão do conteúdo. Cabem ainda alguns recursos, como já o dissemos, para fortalecer a mensagem transmitida na exposição oral como, por exemplo, a utilização de imagens, vídeos que favoreçam a assimilação e compreensão do conteúdo apresentado na fala.

“A comunicação oral possui princípios comunicativos próprios que não se limitam somente aos níveis verbal e vocal mas, também, ao nível gestual” (GOULART, 2005, p. 37). Dessa maneira entendemos que a fala acompanhada por gestos que correspondam à mensagem que se quer transmitir facilita a compreensão do conteúdo. Há outros elementos que potencializam a expressão oral como o despertar a emoção mediante o conteúdo; atentar a uma respiração que favoreça ritmo, boa intensidade e dicção. Outro ponto importante para a comunicação oral é o contato visual. O contato do olhar gera segurança e confiança em um diálogo. Toda a ação docente é dialógica, portanto, o contato visual é considerado fundamental na relação professor e aluno. “Não apenas porque constitui importante elemento para favorecer a adesão dos estudantes mas, também, porque ajuda a avaliar o impacto das apresentações, favorecendo ajustes posteriores” (GIL, 2007, p.142).

Visto dessa forma, a comunicação oral em sala de aula exige constante avaliação e adequação do professor, como facilitador da interação com o aluno. É importante ressaltar que as pistas acima não abrangem a totalidade das possibilidades de desenvolvimento da comunicação oral. No entanto, cabe também a criatividade do

docente para estabelecer uma comunicação com seus alunos, avaliando os vários cenários presentes para favorecer a aprendizagem.

4. A (DES) AUTORIDADE DOS PROFESSORES EM SALA DE AULA E SUAS CONSEQUÊNCIAS

O processo de aprendizagem, que se dá num ambiente interacional, permeado pelas relações interpessoais, evoca um elemento que tende a corroborar, ou não, com a transmissão da mensagem no processo comunicacional em sala de aula: a autoridade do professor. Faz-se necessário uma breve explanação de seu conceito e suas implicações, no âmbito da comunicação, na relação professor e aluno.

Segundo o dicionário Aurélio (2014), autoridade equivale ao “direito legalmente estabelecido de se fazer obedecer”. Porém, no ambiente acadêmico o termo assume novo significado. Segundo o que afirma Vasconcellos (2009) a noção de autoridade autêntica do professor está ligada à ideia de autonomia dos alunos.

A autoridade pedagógica é uma prática complexa e contraditória, pois a autêntica autoridade leva em si sua negação, isto é, a construção da autonomia do outro. [...] Podemos compreender autoridade no seu sentido mais radical e transformador que é a capacidade de fazer o outro autor (VASCONCELLOS, 2009, p. 122).

Neste aspecto, compreende-se a autoridade em sala de aula como um facilitador da aprendizagem, o que se coloca contrário a uma relação de mando e execução. A autoridade, vista desta maneira, pode ser entendida com um recurso pedagógico que colabora com a autonomia dos alunos.

Nesta compreensão, o “papel do professor, enquanto coordenador do trabalho seria então de reconhecer, negociar, combinar e ajudar a articular essas disposições dos alunos em torno do objeto de conhecimento, da situação de aprendizagem” (VASCONCELLOS, 2009, p. 92) o que se equivaleria a uma autoridade democrática.

Um erro recorrente nesta relação se dá numa condição de extremos, ou seja, quando o docente ultrapassa o verdadeiro sentido da autoridade, como promoção da autonomia, valendo-se do autoritarismo, ou mesmo, em nome de uma

“democratização” mal interpretada, ou seja, permissiva, em não fazer uso da autoridade em sala de aula. Os extremos remetem sempre a relações doentes. O ambiente acadêmico, ao contrário, deve favorecer o equilíbrio, não os extremos.

O professor autoritário se impõe sobre os alunos, as regras são impostas sem discussão, sendo argumento válido somente o que ele manda. Conforme Antunes (2002), este modelo de docente:

[...] é aquele que entra na sala de aula acreditando que é o único conhecedor da verdade, despeja a matéria sem se preocupar com o que o aluno já conhece sobre o assunto. Esse tipo de docente parece uma cascata de conhecimentos, não se preocupa como o aluno interpreta a informação que ele passa, ou seja, de que forma a afirmação chega até o aluno pois ele ignora o conhecimento de mundo que o aluno traz consigo. Ele trata a turma como se todos os alunos tivessem a mesma facilidade de aprender, ele não respeita a individualidade dos seus alunos que faz com que nem todos aprendam da mesma maneira. (ANTUNES, 2002, p.57).

Com esse modelo entende-se que ter autoridade equivale a ser autoritário com os aprendizes, sem lhes permitir o direito de expor suas posições diante de questões diversas. No entanto, o discente se cala frente esta postura coercitiva pelo medo de punições, e não por acreditar na autoridade do docente. Dessa forma, a relação professor – aluno, e conseqüentemente a sua interação, se enfraquece, criando mais um obstáculo no processo da comunicação em sala de aula.

A autoridade, ao contrário do que se apresenta, não é imposta, contudo, é aceita pelos alunos, pois a entendem e respeitam seu importante papel no processo de aprendizagem. “A autoridade reconhecida e respeitada favorece a disciplina que permite conviver e trabalhar em boas condições. A autoridade imposta suscita submissão e revolta e logo se revela contraprodutiva” (GUILLOT, 2008, p.176). Já o fato de o professor se abster de toda autoridade em sala de aula, criando um ambiente permissivo, gera uma educação falha porque, mesmo sabendo que o aprendizado se dá no aluno, o papel do professor é mediar e ordenar o conhecimento para que seja mais efetivo. “O trabalho docente é atividade que dá unidade ao binômio ensino-aprendizagem, pelo processo de transmissão-assimilação ativa de conhecimentos, realizando a tarefa de mediação na relação cognitiva entre o aluno e as matérias de estudo” (LIBÂNEO, 1994, pg.88). Nesta mediação está implicitamente o conceito de autoridade.

Como resposta a esta problemática, Furlani (2000) compreende que o modelo de autoridade democrática supera tanto a permissividade quanto o autoritarismo, e afirma que:

A vivência democrática é o meio-termo entre autoritarista e o permissivo, caracterizando-se pela existência de diálogo; o conhecimento é desenvolvido, elaborado e reelaborado através de uma interação na qual o aluno tem também o direito de falar (sua experiência, nível de preparo para a matéria e suas características socioculturais são o ponto de partida para a orientação da aprendizagem) (FURLANI, 2000, p.63).

Uma clara consciência de autoridade do professor potencializa o processo da comunicação e interação com os alunos, proporcionando maiores ganhos na busca do conhecimento. Dado que uma compreensão errônea desta autoridade em sala de aula pode, além de desenvolver uma comunicação falha, promover uma formação, ou educação deficiente.

5. OS DESAFIOS DA COESÃO COMUNICATIVA NA REALIDADE DO ENSINO SUPERIOR

Ao abordar a comunicação no ambiente de ensino ficam evidentes os desafios enfrentados e, também, os ganhos obtidos quando esta acontece de forma efetiva. Quando se aborda a interação *Professor – Aluno*, em suma, acaba por ser pontuada a essência de todo o trabalho desenvolvido por ações pedagógicas no ensino.

Para embasar de forma mais significativa este trabalho todo o desdobramento aconteceu para alunos e professores do curso de Pedagogia de uma instituição privada em Anápolis –GO. A constituição e a seleção dos grupos participantes da pesquisa se deram a partir do estudo sobre a educação, do qual fez surgir o questionamento: *na relação professor – aluno, como desenvolver uma comunicação eficaz?* Sendo os envolvidos estudantes e pesquisadores da Pedagogia, o intuito é verificar seu modo de reflexão e visualização quanto ao tema.

A interação é o grande elo que potencializa a aprendizagem. E para analisar os pontos de vista desses dois objetos estudados – o Professor e o Aluno –

quanto a esta questão e, principalmente, para avaliar como acontece a comunicação na realidade do ensino superior, foi aplicado um questionário quantitativo – três opções de respostas: Sim, Não e Talvez, com uma questão qualitativa para o público alvo que são os alunos e professores envolvidos com a Pedagogia com o objetivo de ressaltar a importância de uma comunicação eficaz em sala de aula.

Esse momento da pesquisa se faz importante e interessante, pois se estabelece um contato com os objetos estudados e se obtém dados concretos, e enriquecedores, sobre as diversas opiniões dos estudiosos do tema. Apresenta-se, portanto, uma construção de interpretações, compreensões e sugestões de alternativas relacionadas aos aspectos levantados no projeto.

Ao todo, foram aplicados 62 questionários para alunos e 10 para professores. Essa disparidade quantitativa entre os questionários aplicados aos objetos estudados se deu devido à disposição de discentes e docentes da instituição escolhida para a aplicação da pesquisa, uma vez que se têm mais alunos do que professores em uma unidade de ensino.

Os resultados serão primeiramente explanados nos subtópicos seguintes para então serem comparados e confrontados, a fim de gerar discussões e reflexões na presente pesquisa.

5.1 Indicações dos alunos pesquisados acerca do tema

Sendo uma pesquisa que visa à compreensão de ambas as partes presentes na interação *Professor e Aluno*, reforça-se a necessidade da voz presente dos alunos no material apresentado em campo. Com isso, neste item serão apresentadas as indicações dos 62 (sessenta e dois) alunos do curso de pedagogia, de uma instituição privada da cidade de Anápolis-GO, que participaram da pesquisa respondendo aos questionários. A escolha destes representantes foi pré-determinada no intuito de enriquecer este estudo que aborda temáticas educacionais. Sendo assim, duas turmas de pedagogia foram escolhidas, aleatoriamente, e a atividade aplicada.

Os alunos de pedagogia ao serem abordados sobre ser possível haver a transmissão do conhecimento mediante uma comunicação falha, a maioria dos alunos (50%) respondeu que Não, sendo que 32,26% acreditam que Talvez seja possível, contra 17,74% que optaram pelo Sim.

Quando o questionário abordou a relação entre professor e aluno, e perguntou se uma comunicação eficaz depende unicamente do professor, os alunos de pedagogia pontuaram com 90,32% a alternativa Não. Entretanto, houve aqueles que acreditaram que depende Sim (4,84%), empatado com o Talvez (4,84%).

Uma questão bastante pertinente no questionário abordou o interesse do aluno. A pergunta indagava se esse interesse e a participação colaboram para uma comunicação eficaz do professor. A resposta do grupo foi quase unânime: 61 alunos acreditam que Sim (98,39%), contra apenas um que pensa que Talvez (1,61%) e o Não registrou 0%.

Os avanços tecnológicos também fizeram parte da pesquisa. A questão pontuou se com esses avanços o professor está capacitado para se comunicar melhor. O grupo ficou dividido. Ao todo, 41,94% acreditam que Talvez isso aconteça, contra 32,26% Não aposta nisso e 25,80% aposta que Sim.

“Seria possível uma aula obter seu fim - o aprendizado - satisfatoriamente, em uma relação entre professor e aluno que não se compreendem?”, para esta questão grande parte dos alunos concordou que Não (91,94%), sendo que 4,84% Talvez e 3,22% pensam que Sim.

Ao falar sobre a manifestação do aluno, quando este não compreende o que foi repassado pelo professor, a maioria (67,74%) diz que Sim, que informa. Entretanto, 22,58% pensaram um pouco e responderam Talvez, contra 9,68% que pontuam que Não se manifesta.

E finalizando a parte quantitativa da pesquisa, foi perguntado se sem uma comunicação eficaz seria possível obter êxitos no processo de ensino-aprendizagem. A maioria (85,49%) respondeu que Não, contra 8,06% que marcaram Talvez e 6,45% que optaram pelo Sim.

A questão qualitativa questionou os alunos a respeito dos meios que seriam eficazes para estabelecer uma comunicação que favoreça o aprendizado. Como imaginado previamente, principalmente sendo este um grupo de 62 pessoas, as respostas foram diversificadas. Mas, em suma, a essência foi uma: A melhoria da aprendizagem.

Os alunos citam muito a escolha da linguagem, que ela deve ser informal e bastante clara para facilitar a compreensão. O professor pode utilizar qualquer meio que preferir – tecnológico ou não – desde que tenha uma apresentação de fácil

compreensão. Ele deve ter domínio de conteúdo, conhecimento e se expressar bem, tendo domínio em aula.

Sobre a relação do professor com o aluno, foram apontadas muitas questões apresentadas no corpo deste artigo. Os alunos questionados nesta pesquisa apontaram em suas respostas que querem professores que prezem pela relação mútua, tenham respeito, paciência e busquem a sintonia. O educador deve tentar conhecer seu educando mais a fundo, pensando no contexto de vida dele e entender as suas particularidades pois isso colabora para a manutenção de uma relação saudável e recíproca em sala.

Quando questionados, os alunos ainda apresentaram que para uma melhor comunicação o professor deve ser aberto, trocar experiências com seus alunos e deixá-los à vontade para poderem participar, interagir e se expressar durante uma aula. Aplicar um diálogo horizontal, evitando ao máximo que o aluno não se sinta reprimido ao participar e passe a não ter mais medo de represália.

Sobre a aplicação dos conteúdos os alunos apontam em suas respostas que desejam que os professores sejam provocativos e os tirem da zona de conforto. Debates são muito bem vindos para a comunicação eficaz, pois estimula a participação e a explanação de opiniões. Aulas mais dinâmicas, criativas e animadas com aquele toque de bom humor podem quebrar obstáculos e favorecer para a comunicação e, conseqüentemente, para a aprendizagem.

5.2 Impressões dos professores em relação ao tema estudado

Apresenta-se neste item a divulgação das percepções e impressões dos 10 (dez) professores que participaram da pesquisa respondendo os questionários. A instituição de ensino superior privada escolhida não apresenta uma grade com um quantitativo expressivo de docentes no curso de pedagogia – área de atuação escolhida devido à temática abordada neste artigo, portanto a escolha destes participantes se deu aleatoriamente. Sendo assim, os profissionais abordados, que tiveram interesse em participar, colaboraram com este estudo.

Na primeira questão, que aborda sobre a transmissão do conhecimento, é questionado se pode haver essa transmissão diante de uma comunicação falha. Os

professores foram bem categóricos, 50% acreditam que Não, contra 30% que Sim e 20% Talvez.

Quando se fala da relação do professor e seu aluno, e se pergunta se uma comunicação eficaz depende unicamente do professor, o grupo respondeu que Não (50%), sendo que 30% acreditam que Sim, depende dele, contra 20% Talvez.

A pergunta a seguir questionou sobre se interesse e a participação do aluno colaboram para uma comunicação eficaz do professor. Ao todo 100% dos professores questionados responderam que sim.

Sobre os avanços tecnológicos, foi questionado “você acredita que o professor está capacitado para se comunicar melhor?” Para os professores, 50% acreditam que Sim, contra 30% que apostam que Não, mas ainda tiveram 20% que apostam no Talvez.

A aula pode alcançar seu objetivo, que é o aprendizado, de forma satisfatória se na relação do professor com seu aluno não houver compreensão? As duas maiorias dos professores acreditam que Não (40%) e Talvez (40%), acontecendo um empate nas opiniões, contra 20% que acreditam que Sim.

Sobre a manifestação quando não há compreensão, 80% dos professores se manifestam contra 20% que não falam, e 0% para o Talvez. Já, quando se fala sobre a eficácia da comunicação, foi questionado se sem uma comunicação eficaz é possível obter êxitos no processo de ensino-aprendizagem. Nessa questão, 70% dos professores acreditam que Não, 30% optaram pelo Talvez e não houve ninguém que escolheu como resposta o Sim.

A questão qualitativa questionava o professor sobre formas mais eficazes de potencializar a comunicação a fim de favorecer a aprendizagem. O grupo de professores mostrou grande preocupação a respeito de seu relacionamento com os alunos.

A igualdade quando se refere ao tratamento com o aluno foi pontuada, sendo que tratar o aluno com indiferença possa prejudicá-lo. A compreensão, o interesse e o respeito também foram pontos em destaque.

Para uma melhor comunicação tiveram sugestões que indicavam que o professor deve ter sempre conhecimento e domínio de conteúdo. Para isso o professor pode utilizar a tecnologia como ferramenta, pois ela pode auxiliar no seu objetivo no

processo de ensino e aprendizagem, além da clareza quando for apresentar o conteúdo em sua aula.

Para finalizar, um ponto bem pertinente e fácil de aplicar em aula é a exemplificação. Esse mecanismo é poderoso e envolve o aluno de forma que ele possa imaginar a situação. Utilizar apenas da teorização não é eficaz. Deve-se mesclar a teoria com a prática e a exemplificação.

5.3 Percepções analíticas das impressões e indicações

Os resultados obtidos chegam para complementar o embasamento teórico do presente artigo e, também, para trazer novas observações. Analisando individualmente é interessante ressaltar a preocupação que os dois objetos de estudo – professor e aluno – tiveram quanto à comunicação, sempre bastante interessados no resultado dessa abordagem, que é a aprendizagem.

Muitos questionamentos, também, apresentaram igualdade de pensamentos. Na questão inicial, por exemplo, que traz à tona a comunicação falha e pergunta se assim pode ser possível haver uma transmissão de conhecimento, percebe-se que ambos acreditam – em maioria (50%) – que não. E isso é algo a se pontuar, uma vez que se faz valer a importância que os grupos compreendam isso.

Outro ponto a se ressaltar vem na pergunta sobre se a comunicação eficaz depende unicamente do professor. Os alunos acreditam que não (90,32%), deixando bem claro, até mesmo pela expressiva porcentagem, que é uma via de mão dupla. Entretanto, ao observar as respostas dos professores têm-se claramente a dúvida deles. Uma vez que 50% pensam que não, mas a outra metade (30% Sim e 20% Talvez) potencializa o pensamento que depende sim do educador. Isso traz a uma reflexão interessante, uma vez que leva a crer que o professor se coloca no lugar de responsabilidade pela eficácia, e entende a importância de se mediar.

Aprendizagem é efetivada pelas trocas sociais, onde a mediação torna-se relevante. Quanto mais profícua for essa ligação, maiores serão as condições de o estudante desenvolver-se. A ação do mediador não é a de facilitar porque mediar processos de aprendizagem é, sem sombras de dúvidas, provocar, trazer desafios, motivar quem vai aprender. Um dos princípios escopos da mediação é criar vínculos entre educando, o professor e o espaço escolar (CUNHA, 2012, p.82).

E para complementar essas trocas, ainda questionou se a participação e o interesse do aluno colaboram para essa comunicação mais eficaz. Os professores foram unânimes em seus pensamentos, tendo 100% de Sim, e isso quase aconteceu com os alunos (98,39%). Ambos compreendem que se interessar e participar facilita a aprendizagem também.

A tecnologia também teve destaque. Mas buscou-se saber se, com os avanços na tecnologia, o professor se capacita mais para se comunicar melhor. E gerou um conflito de pensamentos. Os alunos, em sua maioria, optaram pelo talvez, mas os professores apostam que sim, 50%, e isso mostra uma segurança para esse grupo, já que muitos educadores acabam ignorando o aparato tecnológico e não o utilizam para potencializar seu trabalho.

“A aula alcança o seu objetivo se na relação não houver compreensão”, obteve resultados intrigantes. Os alunos, 91,94%, estão muito conscientes que isso não é possível, mas os professores ficaram em um impasse, já que 40% concordam que Não, mas outros 40% dizem que talvez. E ter professores pensando dessa forma leva ao questionamento de que eles não estão tão conscientes quanto à importância da comunicação eficaz, já que ela leva à compreensão.

Diante disto a interação se faz mais que pertinente. “A interação que professor e aluno estabelecem na escola, os fatores afetivos e cognitivos de ambos exercem influência decisiva na promoção do ensino. Na interação, cada parceiro busca o atendimento de alguns de seus desejos” (DAVIS; OLIVEIRA, 1994, p.84.).

Quando se aborda a manifestação em sala pela falta de compreensão os alunos e os professores se mostraram bastantes tranquilos em informar sobre isso confirmando a preocupação e o entendimento que os grupos têm quanto à impossibilidade de se obter êxitos no processo de ensino – aprendizagem sem uma comunicação eficaz, já que a maioria dos professores (70%) e alunos (85,49%) escolheu o Não como resposta.

O professor, por consequência deve organizar o ensino de modo proporcionar o máximo de sucesso ao aluno, o que depende, entre outras coisas, da consideração do nível de desenvolvimento dos aprendizes e de uma sequência curricular atenta aos pré-requisitos.

Outra estratégia é o uso de valorização de suas ideias, comentários positivos. (ROSA, 2006, p.187).

Ao abrir a questão qualitativa, os grupos puderam expressar seus apontamentos e dar ideias sobre as formas mais eficazes de potencializar a comunicação. Um dado que deve ser destacado é a preocupação do professor em tratar o aluno de forma igualitária.

Almeida (2007, p.17) fala sobre a afetividade, sendo ela “a capacidade, a disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis”. É fantástico esse apontamento uma vez que, para os alunos, no questionário, quando são tratados assim, obstáculos são superados e eles passam a se sentir mais à vontade para interagir e participar em sala de aula.

A aprendizagem ocorre por meio das interações sociais e estas são originadas por meio dos vínculos que estabelecemos com os outros, pode-se dizer que toda aprendizagem está impregnada de afetividade (GOLDANE, 2010, p.13).

Os alunos querem participar. Sugeriram, inclusive, aulas mais dinâmicas, criativas e com estrutura que permita o diálogo e a participação. “Se a aprendizagem ocorrer em um ambiente motivador que desperta o gosto, o interesse, este processo acontecerá de fato, será verdadeiro, pois terá significado” (RELVAS, 2011, p.126). Também se sentem mais interessados quando o professor demonstra conhecimento e domínio em sala, e isso completa o pensamento dos professores de que ao se atualizar e aprofundar os seus conhecimentos a comunicação se torna mais eficaz. Nesse ponto a tecnologia também é citada como ferramenta para esse objetivo.

Em suma, as explicações foram bastante pertinentes e mostraram, mais uma vez, que a comunicação eficaz e de qualidade é o caminho promissor para a aprendizagem. Inclusive, a exemplificação foi citada como forma de melhorar a comunicação. Deve-se pensar na linguagem clara, simples e esclarecedora. E, também, em mecanismos que facilitem a troca e que sempre venham agregar a relação professor – aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo quis trazer à tona a discussão da comunicação em sala de aula, como atributo de importância fundamental no processo de ensino e aprendizagem. Sobretudo, porque a comunicação perpassa todas as relações. Visto que este processo acontece por meio da interação de uma ou mais pessoas, ou seja, através da relação interpessoal professor – aluno, pensar a comunicação neste âmbito se faz necessário.

Na tentativa de responder a questão: *na relação professor – aluno, como desenvolver uma comunicação eficaz?* Tanto na pesquisa bibliográfica como em campo, foi notório o relevante papel da comunicação dentro da sala de aula. Compreendeu-se que comunicar é mais do que somente falar, mas “o como falar”. Este “como”, no que se refere o ato comunicacional, talvez seja a grande questão a se pensar.

Os professores e alunos pontuaram no âmbito qualitativo dos questionários sugestões para melhoria do aspecto comunicacional da relação em sala de aula, o que prova ter ela papel importante no ensino. Características dialógicas, pautadas no respeito, no sentido de igualdade, irão construir um ambiente democrático de comunicação em que professor e aluno não concorrem, mas se aliam na busca de seus objetivos, o ato de ensinar e o de aprender, respectivamente, lembrando que todo o processo é interacional, professor e aluno aprendem e ensinam mutuamente.

Esta clareza na comunicação em sala ampliará a atuação do professor na transmissão do conteúdo, da mensagem que se quer passar, podendo através de métodos provocativos dar visibilidade ao senso crítico dos discentes, sendo que estes encontram ambiente favorável para estabelecer uma participação ativa. Como todo processo de ensino e aprendizagem é pautado pelas relações é unânime, entre os professores e os alunos, que a interação entre eles é o fator preponderante para a eficácia da comunicação dentro da sala de aula. Os demais recursos, técnicos e tecnológicos, são ferramentas para facilitar a interação.

Cientes de que o processo de aprendizagem se dá naquele que aprende, ou seja, o aluno poder-se-ia conjecturar que mesmo diante uma comunicação falha, na relação professor e aluno, ele poderia ter bom êxito nos estudos. Isto é verdade, porém

não em plenitude pois, como foi mostrado nesta reflexão, e corroborado com as contribuições dos participantes – professores e alunos – da área da pedagogia, o conhecimento pode de certa maneira ser alcançado em um contexto de comunicação falha. Todavia, o tempo e os esforços para que isso ocorra certamente serão muito maiores. Contudo, fica claro que em um ambiente de sala de aula em que professor e aluno estabelecem uma comunicação eficaz, clara, o resultado do processo de aprendizagem alcança maiores ganhos em tempo hábil menor.

Portanto, as instituições de ensino, os professores, e até mesmo os alunos, devem-se ater ao valor de uma boa comunicação pois, como foi visto, a comunicação, além de ser fundamental para qualquer relação, no ambiente acadêmico tende a potencializar tanto o ensino quanto a aprendizagem contribuindo com seu próprio fim: o conhecimento.

ABSTRACT:

This article's objective is to highlight the communication as essential agent to the transmission of the knowledge by a bibliographic research, application and analysis of questions to teachers and students from a private university of Anapolis, Goiás. Some people believe that the speaking is enough to a person to be understood, however not always the words are able to express what we intend to say. Into the education environment, that is interactive, a good communication is necessary. Trying to solve the problem: in the relationship between student and teacher, how to develop an effective communication? In the first topic this article expatiated about the function of the communication in the teaching and the learning; then showed resources that makes the communication easier in the classroom; it also highlighted the teacher's authority and discussed the communication cohesion's challenges in the university reality, presenting and evaluating the field research data. Both in the field research and the bibliographic study, it was notorious the relevant communication function in the classroom, since teachers and students, when they faced the questions presented mainly about the quality, they offered many suggestions to get better the communication aspect about the relationship in the classroom, making highlighting its importance. By the research content, it was possible to understand that communicating is more than only speaking, but how to speak. This "how" refers to the act of communicating in the relationship between teacher and student, maybe this one should be the great question to think about.

Key words: Relationship teacher-student. Interaction. Communication. Teaching. Learning.

REFERÊNCIAS

- ALMEIRA, Laurinda Ramalho de. (org). **Afetividade e aprendizagem:** Contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Ed. Loyola. 2007.
- ANTUNES, Celso. **Professor bonzinho = aluno difícil.** A questão da indisciplina em sala de aula. Petrópolis, RJ: Vozes 2002.
- CUNHA, Antônio Eugênio. **Práticas Pedagógicas para a inclusão e diversidade.** 2.ed. Rio de Janeiro: Walk, 2012.
- DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Psicologia na educação** (Coleção Magistério. 2º grau. Série formação do professor) 2.ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- FERREIRA. Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.** 3.ed. Curitiba: 2004.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- FURLANI, Lúcia M. Teixeira. **Autoridade do professor:** meta, mito ou nada disso? 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- GIL, Antônio Carlos. **Didática do Ensino Superior.** São Paulo: Atlas, 2007.
- GOLDANI, Andrea; TOGATLIAN, Marco Aurélio; COSTA, Rosane de Albuquerque. **Desenvolvimento, Emoção e Relacionamento na Escola.** Rio de Janeiro: Epapers, 2010.
- GOULART, Cláudia. **As práticas orais na escola:** o seminário como objeto de ensino. 2005. 195 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas: 2005.
- GUILLOT, G. **O resgate da autoridade em educação.** Porto Alegre: Editora Artmed, 2008.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação.** Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez Editora, 1994.
- LOPES, Antonia (et al). **Repensando a Didática.** São Paulo: Papyrus, 1991.
- RELVAS, Marta Pires. **Neurociências e transtornos de aprendizagem:** as múltiplas eficiências para uma educação inclusiva. 5.ed. Rio de Janeiro: Walk Editora. 2011.
- RODRIGUES, Marlene. **Psicologia educacional:** uma crônica do desenvolvimento humano. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1976.
- ROSA, Jorgela. LA ROSA Jorge (org). FERREIRA Berta Weil (etal.). **Psicologia e Educação: O significado do aprender.** 9 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- SILVA, M.G.P. da. **Comunicação tem remédio:** a comunicação nas relações interpessoais em saúde. São Paulo: Gente, 1996.
- TIBA, Içami. **Ensinar aprendendo.** São Paulo: Editora Gente, 1998.

_____. **Ensinar aprendendo**. São Paulo: Editora Gente, 1998. São Paulo: 2. ed. Editora Cultrix, 2005.

VALDEZ, D. As relações interpessoais e a Teoria da Mente no contexto educativo. **Pátio Revista Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, ano VI, v.23, set/out 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Indisciplina e disciplina escolar**: fundamentos para o trabalho docente. São Paulo: Cortez, 2009.